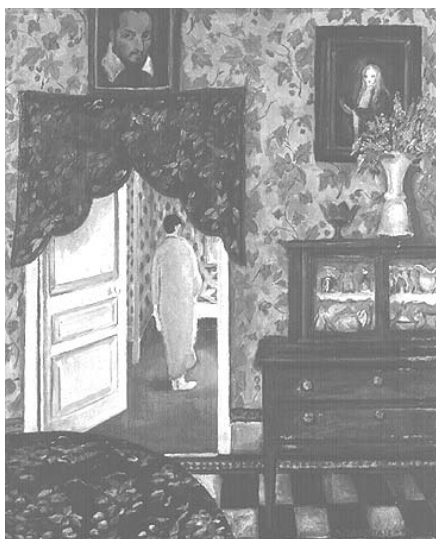




Anita Malfatti. *O Japonês*, c.1915/16. Óleo s/ tela, 61 x 51 cm. Coleção de Artes Visuais do IEB – USP. Imagem obtida em www.itaucultural.org.br



Anita Malfatti. *Interior de Mônaco*, c.1925. Óleo s/ tela, 73 x 60 cm. Acervo BM&F. Imagem obtida em www.itaucultural.org.br

Renata Gomes Cardoso. Mestranda em História da Arte. Programa de Pós-Graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP.

OBRAS E ARTISTAS NO UNIVERSO DE ÂNGELO AGOSTINI.

Rosângela de Jesus Silva, MSc.
rosangela77@universiabrasil.com.br

A crítica realizada por Ângelo Agostini através das caricaturas e dos textos nos mostram uma grande inquietação do artista para com as Belas Artes. Suas preocupações políticas, as quais perpassam toda a sua produção, também não ficam fora da questão artística, pelo contrário, dão o tom de suas opiniões. Algo realmente inédito nesse trabalho de Agostini é sua militância política, sua não isenção. Acreditamos que o trecho a seguir, extraído dos escritos de Baudelaire exemplifica o que poderia ser o espírito do crítico.

“Eu creio sinceramente que a melhor crítica é a que é divertida e poética, não aquela fria e algébrica, que, com o pretexto de tudo explicar, não sente nem ódio nem amor, e se despoja voluntariamente de qualquer espécie de temperamento; mas sim – como um belo quadro é a natureza refletida por um artista –, a que será este quadro refletido por um espírito inteligente e sensível. (...) Quanto a crítica propriamente dita, espero que os filósofos compreendam o que vou dizer: para ser justa, isto é, para ter sua razão de ser, a crítica deve ser parcial, apaixonada, política, isto é, feita a partir de um ponto de vista exclusivo, mas de um ponto de vista que abra o maior número de horizontes.”¹

Assim como nesse trecho Baudelaire defende a parcialidade, a paixão e a política, acreditamos que Agostini traz um pouco de tudo isso. Quando critica a premiação realizada pela Academia de Belas Artes para os prêmios de viagem, quando aponta a inexistência de um mercado de artes, quando toca na dependência dos artistas ao patrocínio do governo imperial. Da mesma forma como demonstra certa paixão quando trata da obra de Rodolpho Bernardelli, quando lhe dedica páginas de textos e imagens sempre cobertos de elogios.

A política era intrínseca a tudo o que Agostini fazia. Quando via no ensino acadêmico financiado pelo governo imperial atrasos e injustiças, e creditava todo e qualquer fracasso a essa parceria é realmente uma visão política, ou ainda quando se ressentia da falta de museus e modelos para estudo e quando louva o desenvolvimento de um artista que sem a ajuda imperial foi buscar sua formação, como foi o caso do Henrique Bernardelli, o qual perdeu o concurso da academia, mas com a ajuda do irmão, Rodolpho, foi para a Europa se aperfeiçoar. Atos como esse foram louvados por Agostini.

Nas falas de Agostini é comum encontrarmos sua desilusão para com o ambiente artístico brasileiro considerado muito pobre, e sua constante exortação aos artistas para que procurem estudar e se aperfeiçoar e assim produzam de forma independente, afastados da academia. O Crítico faz sempre menção

¹ BAUDELAIRE, Charles. Para que serve a crítica, 1846. In: *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p.799.

aos artistas que foram se aprimorar, como Henrique Bernardelli, Firmino Monteiro, entre outros, da mesma forma que ao comentar determinada obra chama a atenção do artista para se dedicar mais ao estudo, pois este apresentaria deficiências que só o estudo e dedicação poderiam corrigir. É o caso, por exemplo, do pintor Castagnetto que tem um trabalho exposto na rua do ouvidor em 1887, o qual não foi identificado e recebeu do crítico o seguinte conselho:

“Faça o possível para sahir do Rio de Janeiro e ir à Itália estudar.

E depois de muito estudar, verá que ainda tem muito que aprender, mas ao menos, pintará cem vezes melhor do que pinta hoje.”²

Nesse mesmo número da revista, em um outro artigo denominado *Pa-lestra*, o crítico comenta a situação na qual se encontram as Belas Artes.

“E”, a todos os respeitos, lamentável a situação dos artistas no Brazil.

O publico, pouco preparado para o movimento artístico, nem sempre lhes dá os subsídios de que são dignos, e que se lhes tornam indispensáveis á vida.

O Estado, esse gasta alguma cousa, mas sempre movido pelo espirito político e pelos empenhos.

D’hai uma crise permanente, que obriga os artistas a abandonarem o seu ideal, a viajarem como mascates, e a cuidarem, em vez de obras de arte, de obras de encomenda.”

É interessante observar que a análise da situação não deixa de lado o público, essencial para uma ampliação do mercado das artes e, talvez por isso, o cuidado de Agostini em divulgar obras na revista para que essas chegassem ao maior número de pessoas possíveis. Analisa também a participação do Estado, considerada pequena, porém a única e assim mesmo regida por interesses além do campo artístico. Diante dessa situação a redução do número de artistas que conseguiriam empreender uma carreira promissora.

Porém Agostini não deixou de se colocar e exercer o seu papel na promoção das Belas artes através dos periódicos nos quais trabalhou, daí a importância de olharmos para o trabalho de Ângelo Agostini.

A valorização ou não de uma obra de arte pode dar-se de diferentes formas, seja através de comentários críticos, da indiferença, de apreciação, ou ainda pela apresentação desta com relativo destaque, assim como sua divulgação.

Ângelo Agostini, enquanto crítico de arte e caricaturista atuou num meio de comunicação expressivo, a imprensa ilustrada, fez algumas opções de apresentação de algumas obras de arte através de suas ilustrações e artigos. Escolheu obras e artistas para dedicar tempo e atenção, sendo constantes algumas características que marcam a sua produção como um todo: Humor, acidez, ironia e uma outra característica muito lembrada quando se comenta sua atitude

para com a causa da abolição que foi a defesa desta causa, no caso artístico, a defesa de obras que lhe pareceram caras, mas também uma estratégia de atuação ao divulgar as mesmas concedendo-lhes um espaço de destaque. Assim como bradou sobre torturas e abusos sofridos pelos escravos, divulgou e chamou a atenção do público para obras e artistas considerados de qualidade, ou ainda, para os defeitos e erros de outras produções.

A atitude de Agostini para com as obras e artistas não foi só de aplausos, por isso se falou aqui de ironia e acidez, pois o crítico soube ser bastante duro quando achou necessário.

Agostini se ocupou de vários artistas e obras, assim não seria possível tratar de todas nesse pequeno texto, dessa forma optou-se por uma pequena demonstração, pautada principalmente sobre a representação de Rodolfo Bernardelli, Pedro Américo e Victor Meireles, já que o retrato também figurou a produção de Ângelo Agostini.

A imagem do homem ilustre já era divulgada antes de Agostini, o qual também executou nos periódicos nos quais participou inúmeros retratos de políticos, militares, literatos, entre outros, porém retratos de artistas brasileiros, acredita-se que Agostini teria sido pioneiro em divulga-los na imprensa. Um outro caricaturista contemporâneo de Agostini, Luigi Borgomainerio realizou o que denominou uma “galeria de homens grandes e pequenos”, publicada na *Vida Fluminense* em 1875. *Portrait charges* realizados com grande verve satírica, entre os quais figuram as imagens dos escultores Chaves Pinheiro e Rodolpho Bernardelli.

Mas o primeiro registro de um retrato de artista brasileiro, encontrado na imprensa ilustrada até aqui pesquisada, foi em 1872, n’*O Mosquito*, um retrato de Pedro Américo e Victor Meirelles. O retrato surge num momento em que esses artistas ganhavam força, suas batalhas ilustrando momentos importantes da história do nosso país, como a guerra contra o Paraguai, marcavam uma intensificação da construção de uma nacionalidade brasileira.

A revista apresentou um texto que bem descreve esse sentimento para com os artistas.

“Folgamos em dizel-o, temos dois pintores. Não attingimos a extrema perfeição, porque nem o Sr. Pedro Américo assigna Zeuxis I, nem o Sr. Victor Merielles é o herdeiro universal de Miguel Ângelo ou de Rubens, mas temos dois pintores talentosos, cujos primeiros trabalhos no gênero histórico resgatam os senões que uma crítica imparcial não pode occultar, a troco de bellezas capazes de darem nome a qualquer artista. Certo, que muito lhes resta ainda fazer. Mas o que já fizeram não é pouco: levar sessenta mil visitantes à exposição de Bellas Artes.”³

² Revista *Illustrada*, 1887, ano 12, n.459

³ *O Mosquito*, 1872, ano 04, n.148



O Mosquito, 1872, ano 4, n.148.

Os artistas são retratados no formato de busto, o corte do homem ilustre, e um ao lado do outro, um paralelismo que acompanhou muito a trajetória desses artistas, apresentados inúmeras vezes em comparação, como em 1879 com as Batalhas de *Avai* e *Guararapes*, nas quais eram atribuídos movimento a um e falta dele ao outro, verdade histórica em um e no outro não, enfim, discutia-se o gosto em torno desses artistas.

O retrato não apresenta aqui qualquer atributo à profissão dos artistas, os quais apresentam uma expressão séria e posam para o retrato.

Este foi o único retrato de Meirelles encontrado na produção de Agostini, já Américo esteve outras vezes ocupando as páginas ilustradas por Agostini. É interessante observar como a imagem do artista também foi se modificando para Agostini. Nesse primeiro momento em 1872, tanto Américo quanto Meirelles se destacavam por seu trabalho que ganhava maiores proporções, todavia com o acirramento da polêmica em torno dos dois a posição do crítico vai se transformando.

Meirelles logo foi vinculado a imagem da monarquia de Pedro II e não recebeu mais nenhuma representação, o tom para com esse artista foi sempre

muito ácido. Américo, por sua vez, em algum momento representou uma alternativa, porém sua atuação no meio oficial e seu reconhecimento enquanto tal afastou da figura do artista um possível mérito de artista independente. Assim Pedro Américo também foi alvo de inúmeras críticas.

Em 1873, ainda n' *O Mosquito* aparece um pequeno retrato de Pedro Américo, na figura o artista aparece no centro da imagem, coroado com uma coroa de louros e no alto da cabeça pincéis e paleta. Em volta do retrato há quatro cenas, nas quais o artista aparece em solenidades e banquetes sempre recebido como alguém ilustre e, abaixo da imagem a inscrição que diz: "A coroação do Doutor Pintor Commendador e philosopho Pedro Américo de Figueiredo." Essa maneira de se referir ao artista foi muito comum em artigos que comentavam Pedro Américo, uma atribuição jocosa e irônica acerca da figura do artista.

Em 1876 Pedro Américo foi novamente retratado recebendo homenagens. Esta imagem faz referência a estadia do artista na Itália, onde teria alcançado relativo sucesso e, portanto, foi consagrado naquele país como grande artista. A ilustração mostra Américo galgando os degraus do Pantheon, com a paleta na mão esquerda e recebendo a coroa de louros de uma deusa grega. No fundo há um público no Pantheon, provavelmente artistas que ali já estão, assistem àquele fato. Esta imagem oferece algumas leituras, uma delas é a de que devemos estar orgulhosos de um artista brasileiro ter alcançando tanta honra e glória no país dos grandes artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo, entre tantos outros. A qualidade do desenho não é a mesma de uma caricatura, pois é um desenho um tanto quanto convencional e que acaba não dando conta da representação a que se propõe. Ainda assim é claro o propósito de Agostini em construir a imagem do artista conforme sua opinião sobre este e assim tentar fazer com que outros compartilhem de sua opinião. Seu meio de divulgação, a imprensa favorece em muito sua atividade e seus anseios enquanto crítico.

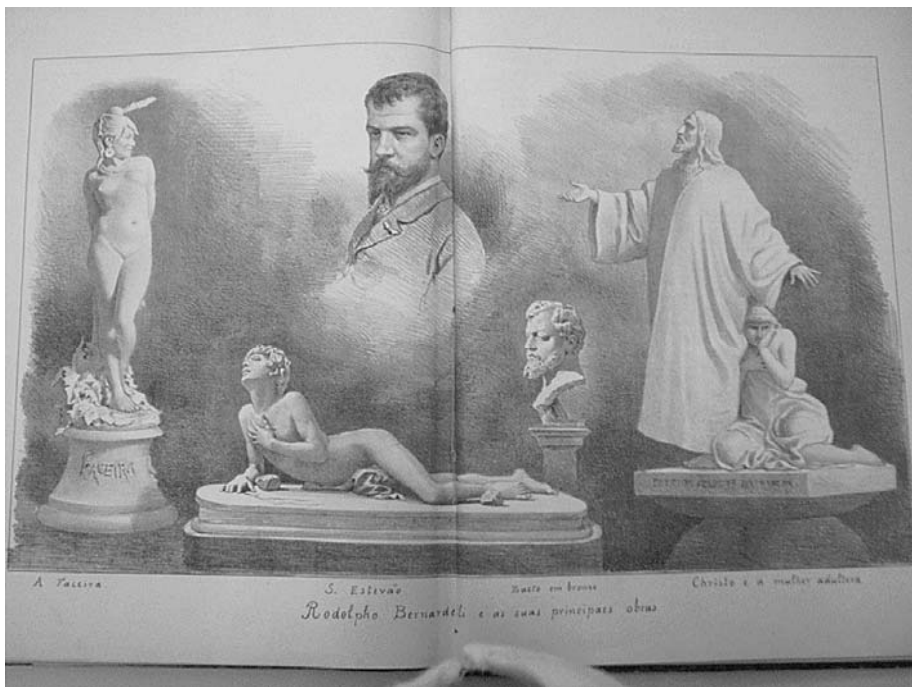
Porém, o grande nome, sempre apreciado e elogiado por Ângelo Agostini, o qual recebeu inúmeras ilustrações de obras, assim como teve sua trajetória sempre noticiada pela revista foi Rodolpho Bernardelli.

Segundo Campofiorito:

"(...)Rodolfo Bernardelli tornou-se sem dúvida um dos maiores escultores do continente e seu prestígio registra-se, já em Roma, quando de seu estágio de aperfeiçoamento com o prêmio de viagem da Academia(1876).(...)"⁴

Certamente Bernardelli foi o modelo de artista a ser seguido para Agostini, que além de apreciar sua obra, desfrutava da amizade pessoal do pintor.

⁴ CAMPOFIORITO, Quirino. *A Arte Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 19



Revista Illustrada, 1885, ano 10, n.420

Nesta litografia Rodolpho Bernardelli recebe uma homenagem especial de Agostini, tem sua representação no formato busto estampado entre algumas de suas mais expressivas obras até aquele momento. Esta imagem é diferente de todas as outras que Agostini realizou, pois coloca o artista no centro e com grande cuidado litografa quatro obras do artista, *A Faceira*, *O santo Estevão*, *Cristo e a Mulher Adúltera* e uma cabeça em bronze do médico Dr. Montenovese. A litografia não dá a idéia de uma artista cuja obra esteja concluída, mas sim de um artista que tem muito a oferecer, sendo esta apenas uma mostra do seu talento.

A litografia toma duas páginas centrais da revista. Além dela foram dedicados ao artista uma série de três artigos, nos números 420, 421 e 426 cujo título foi o próprio nome do artista.

O primeiro artigo, com claro propósito de valorização do metie do artista, faz uma recapitulação da importância da escultura desde a antiguidade, quando era considerada a arte maior, passando por um momento de descrédito quando foi considerada insuficiente para representar as grandes transformações da humanidade até a recuperação de seu posto.

Algo também observado no artigo é que a escultura só se desenvolveria nos países abastados de tradições artísticas, o que não seria o caso do Brasil, porém o autor do texto admite que o Brasil da mesma forma que produz artistas ruins também produz talentos como o escultor em questão.

“Rodolpho Bernardelli, procurou um meio propício para desenvolver as suas possantes faculdades, dirigindo-se a Roma e passando ali meia dúzia de annos, na freqüência dos grandes artistas e nos trabalhos de atelier. As suas primeiras obras, revelaram logo, para os mestres, uma esperança esplendida. Seguiu-se esse trabalho, subterraeo e mysterioso em que o artista luta braço a braço com a natureza, a toda as horas do dia, e mesmo nos sonhos phantasticos das suas noites agitadas, até que como um conquistador, começa a devastar domínios incógnitos.”⁵

Neste trecho é possível observar várias qualidades que Agostini procura nos artistas, como o talento, a procura dos melhores centros de formação na Europa, os mestres e o estudo com afinco dia a dia. E o artista Bernardelli reúne em si todas as qualidades para um grande artista, segundo o crítico. Não se encontrou uma nota negativa a respeito do trabalho de Rodolpho Bernardelli nos periódicos sob responsabilidade de Agostini.

“Rodolpho Bernardelli é um artista já consagrado pelos grandes triumphos obtidos, e cujas obras ahi estão, para maravilhar os entendidos e impressionar até os que não teem grande preocupação com as coisas da arte.”⁶

É claro o envolvimento de Agostini e seu comprometimento para com as artes, sua atuação revela muito do seu interesse e projeto artístico para a terra que o acolheu e na qual tantos embates travou.

Rosângela de Jesus Silva. Mestrre em História da Arte/IFCH/UNICAMP

⁵ Idem

⁶ Revista Illustrada, 1885, ano 10, n.426